

Dr. Lloyd Carr, Cântico dos Cânticos, Palestra 1

© 2024 Lloyd Carr e Ted Hildebrandt

Esta série de quatro palestras será ministrada pelo Dr. G. Lloyd Carr. Dr. Carr recebeu seu Ph.D. da Universidade de Boston e lecionou e supervisionou o departamento de Estudos Bíblicos do Gordon College por várias décadas. Ele escreveu um comentário clássico chamado *The Song of Solomon* na Tyndall Old Testament Commentary Series editada por DJ Wiseman.

Esta será a primeira de quatro palestras sobre O Cântico dos Cânticos do Dr. G. Lloyd Carr. O Cântico de Salomão é um livrinho muito interessante do Antigo Testamento. É um de uma série de livros que geralmente são classificados como Literatura de Sabedoria.

Você sabe, pelos seus estudos anteriores, que há três partes básicas no Antigo Testamento. Existe a Torá, que é o fundamento, a lei, os primeiros cinco livros de Moisés, o fundamento que prepara o cenário para tudo o mais que se segue no Antigo Testamento. Depois, há os livros históricos, Josué, Juízes, Reis e Crônicas, aqueles livros que tratam da vida cívica e política da nação.

Os profetas também se enquadram nessa categoria. Eles baseiam-se na Torá. A nação é a expansão, o desdobramento dos efeitos da lei na Torá tal como Deus a deu ao povo.

Depois, há a literatura sapiencial. Esse é o resto dos livros. Livros como Salmos, Provérbios, Cânticos de Salomão e Eclesiastes.

Esses livros também são baseados na Torá, mas são livros práticos. Eles não lidam tanto com as grandes questões de Deus lidando com a lei e estabelecendo a estrutura do governo. Estes não tratam das atividades de Deus na vida da nação, na estrutura política e militar.

Eles estão preocupados com o povo e lidam com as atividades cotidianas comuns da comunidade israelita. A literatura sapiencial é provavelmente o mais próximo que os hebreus chegaram do que chamaríamos, no mundo ocidental, de filosofia. Ele lida com as grandes questões.

Porque estamos aqui? Do que se trata a vida? Onde estamos indo? Como nos relacionamos uns com os outros? Como nos relacionamos com Deus? Qual é a vida boa? Qual é a vida ruim? Como podemos evitar o mal e manter o bem? Estas são todas as questões que os filósofos na Grécia trataram. Estas são as questões tratadas pelos escritos sapienciais do antigo Israel. Estas são as questões que precisamos de enfrentar hoje na nossa própria sociedade e na nossa própria cultura.

É sobre essas questões que a literatura sapiencial fala especificamente. O foco em Cantares de Salomão é uma parte dessa grande questão e é isso que veremos nos próximos minutos e talvez nas próximas horas, dependendo de como as coisas funcionam aqui. Em primeiro lugar, o livro que estou usando aqui é a Versão Padrão Revisada, e o título do livro, nesta versão, é Cântico dos Cânticos, que é de Salomão.

Essa é apenas uma maneira elegante de dizer que esta é a melhor música já escrita. A expressão hebraica, Cântico dos Cânticos, é o superlativo. É o melhor que existe.

É como o Santo dos Santos, o lugar santíssimo. E esta, de acordo com o título deste livro, é a maior canção que já foi escrita e é atribuída a Salomão. Agora voltaremos a Salomão em um minuto, mas precisaremos analisar isso no contexto do livro em si.

Também é conhecido por vários outros títulos. Poderia ser apenas a música e muitas vezes é identificada assim. A versão latina são os Cânticos, que obviamente é a palavra latina para canção.

Então, é o Cântico dos Cânticos. E às vezes na literatura você o verá identificado simplesmente como Cânticos. Ou pode ser apenas a melhor música.

Esse título foi usado em algumas das versões. Mas seja o que for, é uma canção e está musicada. Pelo menos essas são algumas das ideias que se aplicam à música em vários casos.

Na verdade, há uma produção bastante recente de um estudioso de Toronto chamado Calvin Seerveld, que fez isso como um oratório. Na verdade, ele escreveu algumas músicas para todo esse livro e encenou, já foi feito duas ou três vezes, como um oratório. Coros e solistas cantam a letra desta música em particular.

Agora Cântico dos Cânticos que é de Salomão. E isso imediatamente levanta uma questão para nós. Uma delas é: Salomão é o autor deste livro, o que é uma das boas possibilidades, ou se não for, temos alguma ideia de quem é o autor? Ou relacionado a isso, temos alguma ideia precisa de quando este livro foi escrito? Agora, se for Salomão, isso nos deixa bem claro.

Salomão foi rei em Israel depois que seu pai Davi morreu e ele subiu ao trono em 981 aC e reinou até a década de 930. E se este é o livro dele, realmente escrito por ele, então ele ocorre em algum lugar daquele período, em meados dos anos 900 do primeiro século do período AC. Agora há alguma dúvida, muitos estudiosos rejeitariam essa ideia, em parte com base em algum vocabulário, em parte com base em parte da teologia do livro e outras coisas.

E assim, você encontrará datas para o livro desde a época de Salomão, nos anos 900, até o primeiro ou segundo século AC. Você precisa ter um pouco de cuidado para

não descer muito, porque alguns fragmentos deste livro foram encontrados nas escavações em Qumran, o povo dos Manuscritos do Mar Morto, e eles datam do século II aC, então você não pode vir muito mais tarde do que essa como a data mais antiga, ou melhor, a mais recente, para a escrita desses livros. A maioria dos estudiosos parece situar isso no período pós-exílico, algum tempo depois do exílio, talvez nos anos 400 ou mesmo nos anos 300.

E não há um acordo real entre a comunidade acadêmica sobre qual é a melhor data para isso. Em parte, isso vem de algumas questões sobre a unidade do livro, e abordaremos isso um pouco mais detalhadamente mais tarde. O livro em si é uma coleção de poemas mais curtos que foram organizados e estruturados de alguma forma neste quadro geral ou, como sugeriram vários estudiosos, é uma unidade escrita por uma pessoa e, portanto, vem de uma época específica.

Agora, há muitas ideias, é claro, e a ideia de poesia como esta remonta não apenas aos dias de Salomão, mas muito antes disso, então pode haver algumas raízes que remontam ao período pré-salomônico, e pode haver alguma edição ou algum trabalho sobre o texto à medida que avançamos para meados do período do reino ou do período pós-exílico. Minha posição pessoal é que provavelmente foi escrito no período de Salomão, embora possa ter sido editado nos próximos 100 anos ou mais, e assim, em algum lugar entre o século VII e o século X a.C. é uma data razoavelmente boa para o material. aqui neste pequeno livro, O Cântico de Salomão. Agora, se esta é a canção de Salomão, há alguns problemas.

Primeiro, foi escrito por Salomão? Bem, essa é uma boa possibilidade. O texto permitiria isso, embora não exija isso. Algumas outras possibilidades.

Este é um livro atribuído a Salomão. Na verdade, ele não a escreveu, mas foi uma espécie de grande rei, o rei da era de ouro de Israel, e por isso a canção seria cantada em seu nome por vários motivos. Primeiro, o fato de que ele era o grande rei, esta era a idade de ouro, e Salomão era reconhecido como um escritor de provérbios, ele era um escritor de canções, ele certamente tinha o lazer e a riqueza para poder exercer esse tipo de atividade. Atividades.

Uma terceira alternativa, ou terceira opção, é que o cântico seja dedicado a Salomão, e pode ser que nesse caso alguém o tenha escrito, e Salomão, como o grande rei, seria aquele que dedicaria esse cântico a ele. Agora, algumas razões para isso. Salomão, é claro, foi o grande rei, mas também foi o grande amante do antigo Israel.

Você conhece a passagem no Livro dos Reis que diz que ele tinha 700 esposas e 300 concubinas, isso é um harém bem grande. E Salomão era uma espécie de Don Juan da antiga comunidade israelita. Então, se este livro, que parece estar relacionado ao amor humano e esse tipo de coisa, e o amor é certamente um elemento-chave na

música, se esta é uma série de poemas de amor ou um único poema de amor, então Salomão seria o pessoa óbvia para dedicá-lo.

Afinal, ele era o grande amante da nação de Israel. E assim, Salomão é o autor, possivelmente, Salomão como aquele a quem é dedicado, outra possibilidade, e este, Salomão, o grande amante, que é uma espécie de imagem do que é o Cântico dos Cânticos. Agora, há uma série de referências a Salomão no texto, e vamos examiná-las por um minuto, para ver se isso nos dá alguma pista sobre se ele foi ou não o escritor ou o destinatário do poema, ou o aquele a quem foi dedicado.

A referência a Salomão ocorre no início do livro, no primeiro capítulo, obviamente no título, que está aqui. Agora, isso pode ou não significar alguma coisa diretamente, porque a maioria dos títulos no material bíblico não eram originais, eles foram adicionados em algum lugar ao longo da linha. Tem todas as marcas de uma edição antiga, mas provavelmente não é um título original.

Portanto, o nome de Salomão ali é praticamente irrelevante para esta questão, quer precisemos ou não identificá-lo no contexto do livro. No capítulo 1, versículo quinto, há uma referência a Salomão onde o orador, a mulher neste caso, diz: Estou muito escuro, mas vinde, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão . Ela está falando aqui sobre o edifício, as estruturas, e as cortinas de Salomão são o tipo de cortinas ou cortinas que seriam muito bonitas, ou talvez escuras como ela mesma é, mas bonitas nesse contexto.

A referência aqui pode ser a algo que esta pessoa em particular estava ciente no templo ou no palácio de Salomão, mas o mais provável é que seja apenas uma espécie de expressão de que estas são cortinas muito bonitas e cortinas muito bonitas, e ela é assim, cortinas tecidas escuras que contêm todos os tipos de belos efeitos de tapeçaria. Nada diretamente aqui que possa identificar o autor do livro nesse contexto. Agora, há outra série de referências no capítulo 3, mas voltarei a elas em um minuto.

No capítulo 8, versículos onze e décimo segundo, isso está bem no final do livro, e novamente há um comentário da mulher que está falando, e começando no versículo onze, ela diz: Salomão tinha uma vinha em Baal -Hamã. Ele alugou a vinha aos tratadores. Cada um deveria trazer o seu fruto por mil moedas de prata.

Minha vinha, que é minha, é para mim, e você, ó Salomão, pode ficar com mil e duzentos guardadores do fruto. E ela continua falando sobre aqueles que moram no jardim com ela. Agora, esta referência sugere que Salomão é um dos protagonistas do livro? Pode, mas não necessariamente.

Novamente, isto pode ser simplesmente uma questão de Salomão como o grande proprietário de terras, o rei, que tinha enormes vinhas e outras posses. A mulher

aqui está estabelecendo o contraste. A sua própria vinha pessoal, que no contexto é provavelmente o seu próprio corpo, o seu próprio ser físico, este é o seu próprio.

Ela vai fazer o que quiser. Salomão pode ter suas mil e setecentas esposas e trezentas concubinas, mas ela tem a sua própria. A referência aqui não é tanto um comentário específico a Salomão, mas apenas a ideia geral, ok, o rei tem tudo, mas ele não vai entender isso e continuar a partir daí.

Salomão estava lá como o grande proprietário de terras. A outra passagem onde Salomão é mencionado aqui está no capítulo três. Seu nome aparece diversas vezes, começando no versículo seis.

Este é um pequeno relato, do sexto ao onze da passagem, que descreve um desfile, uma procissão, saindo do deserto. Deixe-me ler para você. O que é aquilo que sobe do deserto como uma coluna de fumaça, perfumada com mirra e incenso, com todos os pós aromáticos do comerciante? Eis que é a ninhada de Salomão.

Ao redor dela estão sessenta homens poderosos dos homens poderosos de Israel, todos armados de espadas e experientes na guerra, cada um com a espada na coxa contra os alarmes da noite. O rei Salomão fez para si um palanquim com madeira do Líbano. Fez os seus postes de prata, o seu dorso de ouro e o seu assento de púrpura.

Foi amorosamente trabalhado internamente pelas filhas de Jerusalém. Ide, ó filhas de Sião, e contemplai o Rei Salomão com a coroa com que sua mãe o coroou no dia de seu casamento, no dia da alegria do coração. Agora, essa pequena unidade permanece isolada no terceiro capítulo.

Está no meio de um motivo de busca onde a mulher procura seu amante, sobe, anda pelas ruas da cidade, procurando por ele, e então ela finaliza esta unidade com o versículo 5 onde ela alerta as filhas de Jerusalém para não se mexerem acorde amor ou acorde-o até que esteja pronto, até que, por favor. E então entra nesta descrição da procissão de casamento. E aparentemente é isso que é.

O grande palanquim, a carroça que era carregada nos ombros dos escravos, era lindamente desenhado, com postes prateados, encosto dourado, assento roxo, todo desenhado e decorado por dentro. E este é o palanquim que Salomão, o rei, está trazendo para a coroa no dia de seu casamento. Agora, alguns dos comentaristas sugerem que esta passagem está relacionada ao casamento que conhecemos no livro dos Reis, que Salomão fez com uma das princesas egípcias.

Pequena passagem interessante que o rei, rei de Israel, uma nação relativamente pequena, teria como esposa uma princesa egípcia. Bem, de acordo com Kings, isso aconteceu. Foi muito incomum que isso acontecesse.

Há um artigo na literatura egípcia que diz que nenhuma princesa do Egito jamais foi dada a um rei estrangeiro. Mas temos o registro aqui e há outros casos em que isso aconteceu. Então talvez este seja o casamento da princesa egípcia e do rei Salomão.

Nenhuma prova disso. É simplesmente uma das sugestões possíveis. Eles estão saindo do deserto, atravessando o deserto, chegando a Jerusalém.

E é uma grande procissão. Não se relaciona especificamente com o resto do poema. Isso parece ser apenas uma espécie de interlúdio na história.

E muitos dos comentaristas pensam que isso nem sequer pertence aqui. Minha ideia é que provavelmente seja uma imagem da glória, da grande riqueza, do esplendor e do poder do rei e do fato de que ele poderia ter qualquer mulher que quisesse e provavelmente conseguiria. Mas em comparação com a passagem do capítulo 8 que acabamos de ver, a garota em Cântico dos Cânticos não vai cair em suas artimanhas.

Então, ela pode ver essa procissão linda chegando e dizer, não é lindo? Mas ela disse, não é para mim. Agora, essas são algumas das possibilidades para Salomão e a ideia do casamento real saindo dessa perspectiva. Agora, o que sabemos sobre Salomão neste contexto? Bem, talvez seja um livro relacionado com este casamento real.

Poderia ser. Tem algumas marcas de uma festa de casamento. Fale sobre isso um pouco mais tarde.

Alguns dos comentaristas sugerem que Salomão nesta história ou nesta coleção de poemas é realmente uma espécie de ficção literária, que ele não teve nada a ver com isso. Mas porque ele era quem era, o grande rei, o grande amante, o seu nome tinha que aparecer. Afinal, você não poderia ter um grande poema de amor sem o nome de Salomão nele.

E então, só para fazer funcionar, eles colocaram o nome de Salomão em vários lugares. Essa é uma possibilidade. Não tenho certeza se contém muita água, mas pelo menos está lá fora.

A terceira opção sobre o uso do nome aqui, e isto nos levará a outra questão de interpretação, é se Salomão aqui está simplesmente sendo identificado em algum tipo de perspectiva alegórica. Ele é o grande rei. Samuel fala sobre um descendente de Davi sendo o redentor da nação, e Salomão, o descendente imediato de Davi, era isso nos primeiros dias.

Talvez esteja olhando para o futuro, para o desenvolvimento final, a salvação final da nação com a vinda do Messias. E se for esse o caso, então talvez a mensagem aqui, Salomão, de que o grande rei, o grande amante, aquele que está trazendo poder, prestígio e riqueza para a nação, esteja retratando o futuro Messias. Então, Salomão

aqui é simplesmente uma espécie de alegoria, uma sugestão de algo maior, melhor, que está por vir.

Bem, essa é a perspectiva, ou algumas das perspectivas, sobre a natureza de Salomão e se este é o seu livro. Novamente, como eu disse há poucos minutos, minha perspectiva é que provavelmente não veio diretamente de sua pena, embora certamente venha do período de Salomão, e ele pode ser aquele a quem o livro foi dedicado. Não creio que essas referências no livro exijam algo mais do que isso quando olhamos para o livro, que é de Salomão, como é chamado ali na primeira linha do primeiro versículo.

Agora, o próximo problema ou questão que surge com o livro de Cântico dos Cânticos é como o interpretamos? Qual é o sentido disso? Como podemos chegar ao assunto deste livro? E existem cerca de quatro abordagens padrão para isso. Tentarei resumí-los de forma bastante simples e depois passarei para o que considero o mais provável dos quatro. A primeira já mencionei, a ideia de alegoria.

A alegoria é uma perspectiva muito, muito comum para a interpretação de literaturas antigas, e particularmente para a Bíblia. A palavra vem até nós de duas palavras gregas, uma das quais é a palavra falar ou falar, você conhece a ágora em Atenas, onde os filósofos se reúnem para discutir questões específicas. Bem, essa é a última metade da palavra.

A primeira metade da palavra alegoria vem da palavra grega que significa outro, diferente. E as duas palavras juntas significam dizer uma coisa, mas significam outra. Então, em alegoria, você pega uma ideia ou uma declaração de uma peça literária e a lê e então diz, ah, isso não significa que isso significa isso.

Agora, de onde veio essa ideia? Bem, isso remonta ao ano 500 a.C. e é uma ideia grega. O primeiro registro que temos disso é de um sujeito chamado Teógenes, da cidade de Regium, na Grécia. Por volta de 520 aC, ele foi um dos principais filósofos e porta-vozes da era de ouro da cultura grega.

E Teógenes, como muitos outros filósofos, tinha um grande problema com a literatura que era o tipo de literatura religiosa dos gregos antigos, particularmente os escritos de Homero, a Ilíada, a Odisséia e os escritos de Hesíodo, que era um pouco um pouco antes. O problema era que essas histórias dos deuses e das deusas e as ações da comunidade grega não eram muito agradáveis. Os antigos deuses gregos eram um grupo bastante pouco amoroso.

Eles eram vingativos, eram cruéis, zombavam, trapaceavam. Certamente não eram o tipo de seres que gostaríamos de identificar como bons modelos para a população. Bem, os filósofos perceberam que havia alguns problemas importantes com esses

personagens, e então disseram, bem, eles estão tão arraigados na cultura que não podemos realmente retirá-los.

Quero dizer, se abandonássemos Homero, perderíamos a base de toda a nossa cultura religiosa, então não podemos simplesmente abandoná-los. O que faremos é reinterpretá-los. Faremos com que eles digam algo diferente do que dizem.

Eles os alegorizam. Diga que uma coisa significa outra coisa. E assim os filósofos gregos examinaram os escritos de Homero e dos outros, e fizeram-nos dizer coisas, interpretando-as de tal forma que a mensagem que apareceu foi toda esta grande novidade que os filósofos estavam a inventar.

Não tinha nada a ver com deuses e deusas. Tinha a ver com o que dizíamos como filósofos. Assim, o método, o método alegórico e a alegoria tem suas raízes aqui nos filósofos gregos do século 500 aC.

Agora, este método de interpretação e método de estudo estava focado na comunidade grega nestes primeiros anos. Então, é claro, Alexandre, o Grande, invadiu a Palestina nos anos 300 e conquistou Jerusalém, desceu para Alexandria, no Egito, e estabeleceu uma grande universidade lá em Alexandria. Alexandria tornou-se o segundo centro educacional mais importante do Império Romano e do Império Grego.

Atenas primeiro, Alexandria em segundo. Aliás, Tarso, de onde Paulo veio, era o terceiro centro educacional mais importante do Império Romano. Então Alexandria é um grande centro de estudos.

Todas as filosofias, todas as ideias da Grécia vieram para Alexandria. E por volta dos anos 200 e até os anos 150 e 160 AC, muitos judeus de Jerusalém, da Palestina, mudaram-se para Alexandria. Três quintos da cidade, três dos cinco quartos eram principalmente judeus no primeiro século AC.

Portanto, havia uma grande população judaica em Alexandria, e Alexandria tornou-se o local de um grande centro de estudos. Traduções das escrituras, comentários sobre as escrituras, esse tipo de coisa. Alexandria tornou-se um ponto focal de estudo religioso na comunidade judaica de língua grega.

Foi em Alexandria que os judeus aprenderam sobre alegoria e começaram a aplicá-la às suas próprias escrituras. Eles tiveram alguns dos mesmos problemas. Alguns dos professores não gostaram do que estava acontecendo na Torá, então quiseram mudá-la.

Eles não gostaram do que estava acontecendo no restante das escrituras, então queriam mudar isso. E assim, eles começaram este método alegórico, principalmente

através da influência das escolas Alexandrinas. E tudo começou em Alexandria e na literatura judaica.

Primeiro, por volta de 160 aC, com um homem chamado Aristóbulo, e a alegorização das escrituras e de outras literaturas religiosas começaram a criar raízes na Palestina. Bem, daí se espalhou para outras duas figuras-chave. Um deles era um sujeito chamado Filo, contemporâneo de Jesus.

Ele nasceu em 20 AC, então era 20 anos mais velho que Jesus. Ele morreu em 40 d.C., portanto viveu 10 anos depois que Jesus foi crucificado e ressuscitou dos mortos. Mas Fílon foi um dos que realmente se apoderou desse método alegórico e o aplicou a grande parte do material bíblico com o qual estava trabalhando e estudando.

E um dos livros aos quais ele aplicou isso foi o Cântico dos Cânticos. E isso se tornou então um trabalho muito importante no estudo, na interpretação do material bíblico foi a atividade de Fílon. É hora de chegar ao final do primeiro século DC.

Era bastante evidente que havia um grande debate nos círculos dos rabinos sobre qual era a maneira correta de interpretar os Cânticos de Salomão. Um dos grandes rabinos disse que quem canta a letra do Cântico de Salomão nas tavernas e pubs não é digno de uma vida futura. Bem, isso nos diz uma coisa.

Algumas pessoas cantavam estas palavras nas tabernas e pubs e este rabino em particular não gostou da ideia. Sua perspectiva era que este era um comentário sobre o trato de Deus com o povo. E há muita literatura sobre esse tipo de coisa.

Agora deixe-me dar alguns exemplos. Capítulo 1. Décimo segundo versículo. Enquanto o rei estava no seu leito, meu nardo, meu perfume, exalava sua fragrância.

Versículo 13. Meu amado é para mim um saco de mirra que está entre meus seios. Meu amado é para mim um cacho de flores de hena nos vinhedos de En Gedi.

Ela está fazendo um desenho aqui a partir dos perfumes das flores de En Gedi, dos vinhedos de lá, das nascentes e da beleza daquele lugar. Mas o versículo 13. O meu amado é para mim um saco de mirra que está entre os meus peitos.

O que fazemos com isso para alegorizá-lo? Bem, superficialmente parece um comentário bastante direto de que ela quer segurar seu amado nos braços contra o peito e é assim que ela queria fazer. Mas isso foi um pouco arriscado para esses rabinos que queriam alegorizar isso. E então eles interpretaram isso de uma maneira um pouco diferente.

O amado, neste entendimento, é a glória de Deus, a glória Shekinah, a coluna de nuvem e fogo que ficava sobre o propiciatório, a tampa da Arca da Aliança. Isso é

Deus. E esta presença de Deus está entre os dois querubins na tampa da Arca da Aliança.

Você diz, como diabos eles conseguiram isso lá? Eu não faço ideia. Mas esse foi o entendimento. A presença de Deus, a coluna de nuvem entre os dois anjos dourados na Arca da Aliança, é o que este versículo significa.

Isso é alegoria. Isso é levar tudo a um extremo, mas é um exemplo de muitos, muitos, muitos outros exemplos de alegoria e método alegórico. Há um segundo.

Deixe-me voltar um momento. A alegoria aqui então rejeitaria qualquer compreensão histórica ou literal da passagem e inseriria em seu lugar essas ideias espiritualizantes que em muitos casos podem ter alguma conexão com o texto, mas em muitos casos estão completa e totalmente removidas de qualquer conexão com o material que está aqui no texto diante de nós. A alegoria então rejeitaria a perspectiva histórica básica.

A segunda possibilidade ou método de interpretação é conhecida como tipologia. Tipo é o comentário ou declaração do Antigo Testamento ou evento histórico que está sendo descrito no texto bíblico e então em algum tipo de acréscimo interpretativo a isso, seja uma perspectiva do Novo Testamento ou uma ideia rabínica, existe o que é chamado de antítipo que é o cumprimento da profecia original. Há poucos minutos fiz o comentário, a referência à passagem do livro de Samuel onde o filho de Davi governará o povo e trará a redenção a Israel.

Bem, o tipo seria Salomão, que era o descendente imediato do Rei Davi, que se tornou rei e trouxe a Era de Ouro. Mas há mais nessa história do que aparece durante a vida de Salomão. Vá ao Novo Testamento e você encontrará uma referência a Jesus como descendente de Davi.

A promessa foi feita a Maria pelo anjo de que ela se sentaria no trono de seu pai Davi e traria redenção à nação. Bem, Jesus aqui é o cumprimento, por assim dizer, da profecia messiânica original em Samuel. Samuel é o tipo.

Jesus é o antítipo. Portanto, a interpretação típica dessa passagem específica é que Jesus é o cumprimento dessa ideia original. Agora, o que isso tem a ver com o Cântico dos Cânticos? Bem, não muito diretamente.

Mas há um ponto que nos dá uma pequena pista sobre isso. Uma das outras passagens do Antigo Testamento que é uma canção de amor é o Salmo 45. É identificado no título como uma canção de amor.

E continua longamente com essa ótima música. Deixe-me ler alguns versículos no início. Meu coração transborda com um belo tema.

Dirijo meus versos ao rei. Minha língua é como a caneta de um escriba experiente. Ok, introdução.

Primeira estrofe. Você é o mais belo dos filhos dos homens. A graça é derramada em seus lábios.

Portanto, Deus o abençoou para sempre. Cinge sua espada à coxa, ó poderoso, em sua glória e majestade. Agora, no versículo 6 do Salmo 45, lemos isto.

Seu trono divino dura para todo o sempre. Seu cetro real é um cetro de equidade. Você ama a justiça, odeia a maldade.

Portanto, o seu Deus o ungiu com o óleo da alegria mais do que a seus companheiros. Suas vestes estão todas perfumadas com mirra, aloés e cássia. Dos palácios de marfim, os instrumentos de corda alegram.

As filhas dos reis estão entre as damas de honra. À sua direita está a rainha vestida de ouro de Ofir. Estrofe intermediária deste Salmo 45.

Agora, a ideia importante aqui não é o fato de que estamos apenas olhando para uma canção de amor, mas no Novo Testamento, no livro de Hebreus, no primeiro capítulo, Hebreus capítulo 1, começando no versículo 8. Mas do Filho, diz ele, este é o autor de Hebreus falando agora sobre Deus que falou através dos profetas e agora falou através do Filho. Do Filho, ele diz, o teu trono, ó Deus, é para todo o sempre.

O cetro justo é o cetro do teu reino. Você amou a justiça e odiou a iniquidade. Portanto Deus, teu Deus, te ungiu com óleo de alegria além de teus camaradas.

Citação do Salmo 45. E aqui no livro de Hebreus, essa passagem é aplicada a Jesus, o Filho. Agora, Jesus como o antítipo, o cumprimento, Salomão ou talvez algum outro rei no Salmo 45 como o tipo, aquele para quem foi dito pela primeira vez, agora levado ao cumprimento na vinda de Jesus.

Agora, essa é uma posição legítima que a própria Escritura estabelece. Agora, alguns problemas em pegar esse princípio e aplicá-lo de forma generalizada. Onde o texto bíblico do Novo Testamento não faz essas aplicações específicas, precisamos ser um pouco cuidadosos.

Por exemplo, o Salmo 45 versículo 9 fala sobre as filhas dos reis entre suas damas de honra. À sua direita está a rainha vestida de ouro de Ofir. Isso parece muito bom.

O problema é que a palavra ali traduzida como rainha significa na verdade a favorita do harém. Ela poderia não ter sido a rainha, apenas a garota que ele estava de olho

naquele momento específico. Então, para pegar essa passagem e torná-la um tipo de Jesus, você se mete em todos os tipos de problemas.

A tipologia é um método útil quando está claramente explicitado no relato bíblico, no Antigo e no Novo Testamento, mas pode ser muito perigoso se for levado além do que a própria Escritura permite. Ok, alegoria, diga uma coisa, signifique outra. A alegoria rejeita o histórico.

A tipologia aceita o histórico como válido, mas depois acrescenta um segundo significado, um significado ampliado. E, claro, isso é muito comum e feito com bastante frequência.

A terceira opção é ver este livro como um drama. É algum tipo de peça de teatro, talvez algum tipo de ritual de culto que estava sendo encenado. Falaremos um pouco mais sobre isso mais tarde, mas há algumas coisas que precisamos identificar aqui. Primeiro, essa ideia de que se trata de um drama sendo explicado é bastante antiga.

Tudo remonta a Orígenes, que viveu no início dos anos 200 DC. Ele identificou isso como um drama e, portanto, isso poderia se transformar em uma espécie de liturgia ou ritual que estava sendo usado pelas autoridades religiosas. É bem possível, embora não haja evidências disso.

A ideia de ser um drama é um pouco confusa. A ideia de Orígenes foi retomada, desapareceu por um bom tempo e o método da tipologia alegórica prevaleceu por muitos e muitos séculos. Mas na década de 1900, um estudioso alemão chamado Franz Delitzsch, um grande estudioso do Antigo Testamento, adotou a ideia dos Cânticos de Salomão como um drama.

Em seu comentário sobre este livro, ele elabora detalhadamente a estrutura dramática dos Cânticos de Salomão. Mencionei há pouco Calvin Seerfeld, o estudioso de Toronto que pegou isso e fez dele um oratório. O mesmo tipo de coisa.

O drama é um pouco diferente de apenas liturgia ou ritual. É o tipo de coisa que precisamos examinar bem de perto. A sugestão de que Cântico dos Cânticos é um drama enfrenta grandes dificuldades.

A primeira é que não há enredo real no livro. Não vai a lugar nenhum. Anda em círculos.

Ele não começa, avança e chega a uma conclusão. Aristóteles, em sua Poética, comentou que um bom drama tem começo, meio e fim. O Cântico de Salomão não.

Simplesmente cai no meio da coisa. Ele circula por oito capítulos e você volta para o mesmo lugar em que entrou. Não há progresso na história.

A segunda coisa é que o drama como forma literária não era muito conhecido antes da literatura grega. Existem alguns pedacinhos de ideias que alguns remontam, alguns deles possivelmente já no século XI, no Egito. Há um pequeno mito interessante do drama de Hórus que se encaixa e vem por volta do século XI.

Existem alguns dramas de culto da Mesopotâmia e do antigo Oriente Próximo que têm a ver com o culto e a liturgia, mas eles não são muito claros. Existem algumas sugestões, mas há muitos problemas com elas. A diferença entre ambos, na literatura mesopotâmica e na literatura egípcia, é que são evidentemente dramas.

Há discursos atribuídos, há palestrantes identificados e há direções de palco reais na sequência. Por exemplo, uma das peças mesopotâmicas diz: você desce do palácio ao templo e no caminho diz estas palavras. Este ato deve ser feito neste ponto e então eles irão descrevê-lo e então seguirão em frente.

A mesma coisa acontece com o mito egípcio do drama de Hórus. Existem instruções de palco específicas. Não há nada disso nos Cânticos de Salomão.

Os palestrantes aqui não estão claramente identificados. Alguns deles são bastante óbvios, outros não. Voltaremos a isso em breve.

Mas não há uma identificação clara dos oradores, não existe um enredo propriamente dito e não há indicações de palco. Tem coisas que são descritores, mas não se enquadram no padrão da direção de palco. Tenho uma experiência considerável em direção de teatro e dirigi o programa de teatro da faculdade por vários anos, e sei por experiência própria que isso simplesmente não daria uma boa peça de teatro.

Portanto, o drama é praticamente rejeitado como possibilidade, embora ainda surja periodicamente. A quarta é considerar isso como aquilo que parece ser. Alguns comentaristas chamam isso de abordagem literal.

Eu realmente não gosto dessa palavra porque se você a interpretar literalmente, não dá espaço para figuras de linguagem e esse tipo de coisa. Muitos dos comentadores identificam-na simplesmente como a abordagem natural. O que isso parece ser? E simplesmente lendo isso, parece ser uma canção de amor, um poema de amor, descrevendo o relacionamento entre um homem e uma mulher, suas interações, as coisas que eles estão pensando, as coisas pelas quais estão passando, as coisas que eles estão fazendo.

E que este é essencialmente um tratamento de um relacionamento humano muito normal, um homem e uma mulher, e o seu amor à medida que começam a partilhá-lo. Agora entraremos nisso com mais detalhes em algum material de apoio na

próxima rodada. Esta foi a primeira de quatro palestras sobre o Cântico dos Cânticos de G. Lloyd Carr.